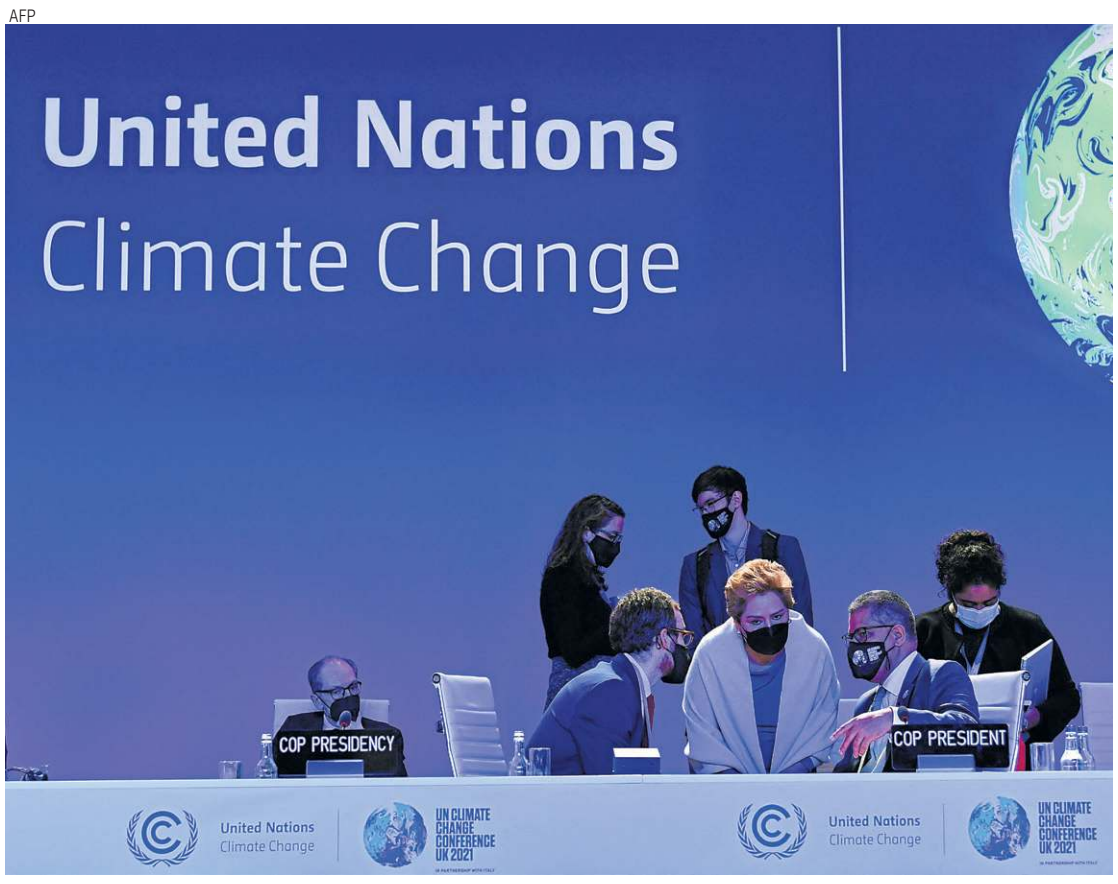
Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172

COP: seguem esforços para o relatório final

Negociadores não chegam à aprovação do texto final e adiam o fim da conferência climática por pelo menos um dia

» PALOMA OLIVETO

AFP



Um terceiro rascunho deve ser divulgado hoje: financiamento é um dos pontos polêmicos

Nem a famosa pontualidade britânica foi suficiente para que a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP26) terminasse no dia certo. Depois de intensas negociações durante toda a sexta-feira, a presidência do evento, que acontece em Glasgow, no Reino Unido, afirmou que não seria possível aprovar o texto final na data de encerramento, previsto para as 18h (locais). Fica para hoje ou até mesmo para domingo a aprovação unânime do documento que visa fazer valer o Acordo de Paris, redigido por 194 países há seis anos, na capital francesa.

No início da sexta-feira, a presidência da COP divulgou o segundo rascunho do documento, enfatizando a necessidade de se abandonar o uso de carvão e substituir os combustíveis fósseis para alcançar os objetivos estabelecidos há seis anos na capital francesa. Um novo esboço está previsto para hoje de manhã. Para evitar um cenário catastrófico — nas palavras usadas em relatórios da ONU —, o Acordo de Paris determina que, até o fim do século, a temperatura global não seja maior que 2°C acima dos níveis pré-industriais. O texto também ressalta que o aumento, preferencialmente, deve ser de 1,5°C. Modelagens recentes, porém, mostraram que, com os prazos definidos na França, e no ritmo em que as mudanças estão sendo implementadas, o mundo estará entre 2,4°C e 2,7°C mais quente, exigindo que, da COP26, saiam metas mais ambiciosas.

O segundo rascunho, apresentado pelo presidente do evento, o britânico Alok Sharman, pede a "supressão progressiva da energia produzida com carvão sem (mecanismos de) mitigação e dos subsídios ineficazes aos combustíveis fósseis". Pela primeira vez na história das COPs, esses últimos, que incluem gás e petróleo, foram citados nominalmente em uma conferência climática. Mas o que parece ser um avanço é, na verdade, um recuo em relação ao primeiro texto, divulgado na quarta-feira. Embora pareça um detalhe, as conferências climáticas são trabalhadas em cima de palavras, para não gerar diferentes interpretações. O rascunho anterior falava em "acelerar o abandono do carvão e o financiamento dos combustíveis fósseis", uma fala considerada mais contundente por especialistas climáticos.

O texto apresentado insiste na possibilidade de a temperatura não subir mais que 1,5°C, meta defendida todos os dias por manifestantes que lotaram as ruas de Glasgow durante as duas semanas da conferência. O ponto 21 diz que os signatários de Paris reconhecem "que os impactos das alterações climáticas serão muito mais baixos com o aumento da temperatura de 1,5°C, em comparação com 2°C, e decide prosseguir os esforços para limitar o aumento da temperatura a 1,5°C". O ponto seguinte diz: "Também reconhece que limitar o aquecimento global a 1,5°C requer reduções rápidas, profundas e sustentadas nas emissões globais de gases de efeito estufa, incluindo a redução das emissões globais de dióxido de carbono em 45% até 2030, em relação ao nível de 2010, e para zero líquido em meados do século, bem como reduções profundas de gases de efeito estufa não dióxido de carbono".

"As metas de redução de emissões na próxima década nos levam a uma catástrofe climática", comenta Tracy Carty, presidente da ONG Oxfam Internacional. "Precisamos de um acordo inequívoco em Glasgow que comprometa os governos a voltar no ano que vem, e todos os anos depois disso, com metas aprimoradas que manterão a meta de 1,5°C viva."

O rascunho também "solicita" aos países para fortalecer suas contribuições nacionalmente determinadas (NDCs), as metas individuais com que se comprometem para atingir os objetivos de redução de emissões. O texto anterior falava em "exortar". Apesar da mudança de palavra, o rascunho prevê que os signatários apresentem novas metas de emissão anuais, e não mais a cada cinco anos, ideia defendida principalmente pelo grupo de países mais vulneráveis às mudanças climáticas, como ilhas no Pacífico e nas Américas.

> **Reconhecer perdas e danos não trará de volta as casas submersas, campos envenenados e entes queridos perdidos. Os países ricos devem parar de bloquear o progresso e se comprometer a fazer algo a respeito"**
>
> ***Tracy Carty,*** *presidente da ONG Oxfam Internacional*

Financiamento

Um dos pontos mais polêmicos e cruciais, o do financiamento de ações de adaptação e mitigação voltado às nações em desenvolvimento fala em "instar as Partes dos países desenvolvidos a fornecerem apoio aprimorado, inclusive por meio de recursos financeiros, transferência de tecnologia e capacitação, para ajudar as Partes dos países em desenvolvimento no que diz respeito à mitigação e adaptação". Esses últimos reclamam que nem o valor definido em Paris chegou a ser totalmente depositado, faltando 20% referentes a 2020, e defendem recursos mais robustos. "Temos que ver dinheiro na mesa para ajudar o mundo em desenvolvimento a realizar as mudanças necessárias, e isso tem que acontecer nas próximas horas", comentou o anfitrião da conferência, o primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, citado pela agência France-Presse de notícias (AFP).

"O mais gritante é a falta de qualquer menção ao plano financeiro para perdas e danos que foi proposto ontem (quinta) à noite pelo grupo de países em desenvolvimento G77", comenta Tracy Carty. "Reconhecer perdas e danos não trará de volta as casas submersas, campos envenenados e entes queridos perdidos. Os países ricos devem parar de bloquear o progresso e se comprometer a fazer algo a respeito."

Para Michael Grubb, professor e vice-presidente do Instituto de Recursos Sustentáveis da Universidade College London, os negociadores foram conservadores, contrastando com o texto do Acordo de Paris. "A resistência a declarações inequívocas sobre a eliminação progressiva do carvão ou o fim dos subsídios aos combustíveis fósseis sublinha algumas realidades políticas nacionais, e as NDCs oferecidas são claramente inconsistentes com os objetivos globais", diz. Ele teme que a pressão para se voltar no próximo ano com contribuições mais ambiciosas cause o efeito contrário: "O risco é aumentar o hiato entre a ambição nacional declarada e a política implementada — especialmente se o financiamento internacional for insuficiente". Ou seja: muito se falar e pouco se fazer.

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

SEGUNDA-FEIRA, 8

CAPSULA DA SPACEX RETORNA À TERRA

Com quatro astronautas a bordo, a cápsula Dragon, da empresa americana SpaceX, retornou à Terra, procedente da Estação Espacial Internacional (ISS). Freada pela atmosfera terrestre, assim como por quatro enormes paraquedas, a nave suportou a queda vertiginosa graças ao escudo térmico. Às 22h33 da costa leste dos Estados Unidos, a cápsula chegou na Flórida, o que representou o fim da missão Crew-2. Um navio recuperou a cápsula e uma equipe abriu a escotilha para a saída dos astronautas. Como medida de precaução, eles foram colocados em macas e transportados por helicóptero. Desde sua chegada à ISS em 24 de abril, a tripulação, formada por dois americanos (Megan McArthur e Shane Kimbrough), um francês (Thomas Pesquet) e um japonês (Aki Hoshide), fez centenas de experimentos e ajudou a aperfeiçoar os painéis solares da estação. Os quatro astronautas a bordo da cápsula Dragon, batizada como Endeavour, se desacoplaram da ISS às 14h05 (16h05 de Brasília). Em seguida, a Endeavour deu uma volta ao redor da ISS durante uma hora e meia para fazer fotografias.

TERÇA-FEIRA, 9

AFP

TATARAVÔ DOS MACBOOKS VENDIDO POR US$ 400 MIL

Um computador Apple original, construído à mão por Steve Jobs e Steve Wozniak há 45 anos, foi vendido por US$ 400 mil em um leilão na Califórnia, nos Estados Unidos. Foi um valor bem abaixo do previsto. Esperava-se que o funcional Apple-1, tataravô dos elegantes Macbooks de cromo e vidro de hoje, alcançasse US$ 600 mil. O chamado Chaffey College Apple-1 é um dos 200 feitos por Jobs e Wozniak no início da odisseia da empresa, que passou de um empreendimento de garagem a um gigante de US$ 2 trilhões. O computador é ainda mais exclusivo porque é revestido de madeira koa, nativa do Havaí. Apenas alguns dos 200 originais foram feitos com esse material. Jobs e Wozniak vendiam o Apple-1 por peças. "Esse é um tipo de cálice sagrado para os colecionadores de eletrônicos antigos e tecnologia informática", explicou o especialista em Apple-1 Corey Cohen ao Los Angeles Times. Segundo a casa de leilões John Moran Auctioneers, o dispositivo, que vem com um monitor de vídeo Panasonic 1986, teve apenas dois proprietários: um professor de eletrônica e um de seus alunos, que comprou a peça por US$ 650.

QUARTA-FEIRA, 10

CIDADE DO MÉXICO, A MAIS CONECTADA

A organização Guiness reconheceu a capital do México como a "cidade mais conectada do mundo" por ter o maior número de pontos de acesso sem fio (wi-fi) públicos gratuitos. Carlos Tapia, jurado oficial do Guinness World Records para o México e América Latina, entregou o prêmio à prefeita Claudia Sheinbaum em uma cerimônia realizada aos pés do Anjo da Independência, símbolo turístico da cidade. Segundo a contagem, a Cidade do México tem 21,5 mil 'hotspots' na mesma rede de wi-fi gratuita. Depois de receber o reconhecimento, Claudia Sheinbaum disse que a vasta rede de pontos de ligação gratuitos visa "criar o direito à Internet para todos", especialmente para as famílias com recursos limitados que não dispõem do serviço em casa. Os pontos de conexão estão distribuídos em boa parte da cidade de 9,2 milhões de habitantes, principalmente no transporte público, embora, às vezes, a conexão seja difícil porque a rede está saturada. Durante o fechamento de escolas devido à covid-19, multiplicaram-se as histórias de alunos que conseguiam acompanhar as aulas on-line graças a esse serviço.

QUINTA-FEIRA, 11

EXERCÍCIO E SAÚDE MENTAL

Uma pesquisa da instituição norte-americana Kaiser Permanent mostrou que pessoas que se exercitaram mais durante o período inicial de lockdown da pandemia de covid-19 sofreram menos ansiedade e depressão do que aquelas que se mantiveram sedentárias. Ele também mostrou que os indivíduos que passam mais tempo ao ar livre normalmente apresentam níveis mais baixos dos dois problemas. Mais de 20 mil voluntários participaram do estudo, feito por meio de questionários. "O que esses resultados nos dizem é que mesmo durante uma crise de saúde pública, as pessoas devem ser encorajadas a serem fisicamente ativas para ajudar a manter sua saúde física e mental", disse a autora principal do estudo, Deborah Rohm Young. Ela também diz que parques e outras áreas naturais devem permanecer abertos nessas situações.